

## DEPOIS DA TEMPESTADE

**Roberto Rodrigues\***

Em meio a esta tragédia global que é o COVID-19, o agronegócio brasileiro deu mais uma demonstração de sua pujança e competência.

Nos primeiros seis meses de 2020, o Brasil foi um dos pouquíssimos países que aumentou a exportação de alimentos, e com números impressionantes.

De janeiro a junho as exportações do agro chegaram a 51,6 bilhões de dólares, um aumento de 9,7% sobre o valor exportado no ano passado, que foi de 47,1 bilhões.

A China, mais uma vez, foi o principal destino, como também tinha sido no mesmo período de 2019, mas com o espetacular aumento de 30,34%: no ano passado, o gigante asiático recebeu 15,7 bilhões de dólares do nosso agro, e este ano foram 20,5 bilhões. Se no ano passado ele representou 33,35% do total exportado, esse ano saltou para 39,64%.

Em compensação, tanto a União Europeia quanto os Estados Unidos tiveram pequena redução nas importações brasileiras. A União Europeia caiu de 8,43 bilhões de dólares no ano passado para 8,36 nesse ano, uma queda mínima de 0,81%. Já para os Estados Unidos a queda foi maior, de 13,4%, saindo de um valor de 3,51 para 3,04 bilhões de dólares em 2020.

A soja continuou sendo o carro chefe das nossas exportações. No ano passado foram 18,6 bilhões de dólares, e este ano a soma foi de 23,9 bilhões, um aumento de 28,7%. As carnes vieram em segundo lugar, com um aumento de 11,29%, saindo de 7,46 para 8,31 bilhões de dólares. E o açúcar ficou com o terceiro lugar, saltando 45,32%, de um valor de 2,54bi para 3,69 bilhões de dólares. Vale dizer, todavia, que outros produtos tiveram pequena redução nos valores exportados, como café, cereais, farinhas e preparações, sucos e produtos florestais.

O importante mesmo é a análise dos volumes exportados no período.

O complexo soja bateu outro recorde: no ano passado saíram de nossos portos 52,56 milhões de toneladas, e em 2020 o número subiu para 69,62 milhões, ou mais 37,46%.

Quanto às carnes, o aumento foi de 7,05%, indo de 3,33 milhões de toneladas para 3,57 milhões. O crescimento das exportações de açúcar em volume foi de incríveis 51,3%, de 8,03 milhões de toneladas no ano passado para 12,2 milhões agora.

Essa numerologia toda serve para medir a notável agilidade que o Agronegócio, em parceria com o Ministério da Agricultura e outros órgãos de governo, teve para enfrentar as dificuldades resultantes da pandemia. Houve falta de containers durante algum tempo, cidades foram fechadas por prefeitos preocupados, os caminhoneiros tiveram grandes problemas para abastecimento e alimentação e tudo foi enfrentado e vencido com competência e rapidez.

A atividade nas fazendas não parou, os produtores continuaram bravamente a produzir e assim cumprir sua sagrada missão de alimentar o mundo, o que nos enche de orgulho e de admiração pelo trabalho de milhares de homens e mulheres que não param nunca!

Mas estas circunstâncias trouxeram de volta a importância da segurança alimentar em todo o planeta, e vários governos preocupados com seus consumidores e também com seus produtores, começam a se movimentar com ações protecionistas que podem perturbar o livre comércio de alimentos. Já tem governo lá fora pensando em proibir exportações de excedentes com medo de que falte no futuro, e também se esboça um movimento protecionista que dificulte a importação de produtores competitivos para salvaguardar os seus próprios.

Temos que estar atentos a esses movimentos que virão depois da tempestade.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Titular da Cátedra de Agronegócios da USP.**